

SALLES DOUNNER: ART-NULA – DESENHOS, UM LIVRO PARA ALÉM DAS IMAGENS

Daive Cristiano Lopes de Freitas¹

Neste trabalho pesquisamos sobre os primeiros anos de vida do artista plástico e poeta franco Salles Dounner até a idade adulta e suas experiências relatadas pelo próprio artista e por familiares e amigos. Este funde um breve histórico do desenvolvimento econômico e social de Franca com o desenvolvimento da cultura artística local disseminada pelos estilos acadêmico e moderno. Neste captamos os anos de vivência de Salles enquadrando-o desde fim do período populista, o regime militar até a nova democracia no Brasil. Também conheceremos o ciclo artístico de Salles Dounner em Franca em suas fases dos anos setenta, oitenta e início dos noventa como o artista marginalizado que se apresentava. Dentro desse contexto percebemos o engajamento do artista com questões político-sociais e franca oposição às políticas governamentais que acabam por excluir parte da população. Neste trajeto conheceremos o livro Art-Nula - Desenhos de Salles Dounner publicado em 1992, dois anos antes de seu falecimento. A partir deste livro, identificamos a atitude *flâneur* de Salles Dounner dando vistas a leitura de Walter Benjamin sobre a obra de Charles Baudelaire durante a Paris da segunda metade do século XIX. Fazemos sobre o livro uma leitura do pensamento do artista dialogando com alguns escritos de Walter Benjamin, Suely Rolnik e Friedrich Nietzsche identificando em suas ilustrações a percepção da realidade social contemporânea abrangendo temas como desigualdade e exclusão social, marginalidade, relacionamentos afetivos.

Dentre os últimos parágrafos desta dissertação, afirmou-se que a pergunta que orientaria a travessia seria dialogada com as imagens em meio às páginas do livro Art-Nula: “o que Salles Dounner tem a nos dizer?” O trabalho de organização e classificação das imagens serviu para delinear e esclarecer como Salles Dounner realizava um trabalho de cartografia das experiências. No entanto, a disposição do trabalho a partir de sua infância e adolescência conturbadas e os anos de juventude no orfanato, assim como no segundo capítulo que continuou sua vida contando suas experiências durante o período do regime militar, os anos oitenta e por fim os noventa foram

1 Instituição: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Titulação: Mestre em Educação

naturalmente dispostos em ordem cronológica para apreendê-lo enquanto ator dos eventos que influenciaram sua produção artística.

Por outro lado, o capítulo terceiro que se seguiu teve como parâmetro uma linha de tempo diferente, o tempo cronogênico. Apoiando-se na definição de Suely Rolnik, essa abertura do tempo produzida pela concepção cronogênica permitiu-nos identificar o modo com que o artista lida com suas marcas e marcas-ferida que lhe atravessam o corpo desde o início. Cada traço firmado sobre o papel traduzia o reconhecimento das marcas que se sedimentaram ao longo dos anos de experiência possivelmente singulares.

Salles Dounner teve a aterrorizante experiência de ser abandonado pelo pai, aquele que o gerou e deveria aprovê-lo minimamente de amparo, ao contrário renegou ao ostracismo. Posto que as violações psicológicas, físicas e morais que havia sofrido até então não faziam mais parte de seu presente, o menino Salles provavelmente deve ter percebido que era um novo começo.

Do exílio Salles deu início a sua vida nômade, do interior de São Paulo para a cidade mais charmosa das cidades brasileira. Sentiu na pele a vida como menino de rua: a miséria, o abandono, o desamparo. Conheceu a repressão institucional: violações psicológicas, físicas e morais nos meses de cárcere no S.A.M. No entanto, encontrou no colégio Patronato Amaral Peixoto, em Três Rios, algo inédito: abrigo, afeto e amparo.

Nesta fase profícua e fértil é que começa a se engendrar o artista Salles Dounner em seu território.

“Quem viaja tem muito que contar”, e Salles seria, nesse sentido, o marinheiro que veio de terras distantes, atravessou mares turbulentos e destes compôs seu devir-artista.

Conheceu a cidade mais glamorosa do país e retornou a cidade de sua família num momento em que o país passava por um momento de radicais mudanças relacionadas com a instauração de um regime de exceção que se deu com o golpe de 1964 e desmantelou a frágil democracia do período populista.

Em Franca havia uma reverberação dos movimentos de esquerda que reivindicavam o retorno ao Estado democrático e em muitos casos uma oposição ao alinhamento brasileiro aos Estados Unidos e o extremo de se protestar a favor da implantação de um regime socialista sul-americano. Eram estudantes secundaristas e universitários que se engajavam e procuravam levar à poluição

eventos e atividades que servissem para despertar a consciência de classe para seu verdadeiro poder de mobilização, segundo Marx e Weber.

Havia na cidade um movimento cultural modernista inspirado nos antropofágicos da década de 1920, em plena década de 1960, do qual Salles se identificou enquanto artista plástico e poeta e participou ativamente. Salles por outro lado rivalizou suas inclinações éticas ao modelo artístico mais tradicional da cidade que era a arte acadêmica. Podemos identificar a arte acadêmica como fruto da belle époque caipira que se consagrava por valorizar o período de pujança da elite cafeeira do interior paulista tomando como modelo os Salons des Beaux-Arts francês. Os modernos, como eram respeitosamente nomeados, praticavam a arte em suas diferentes expressões – artes plásticas, cênicas literatura e cinema – e de modo diferente. A luz do pensamento do lingüista russo, Mikhail Bakhtin, que através de sua obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, serviu para compreender que havia nesse movimento modernista e especialmente na produção artística de Salles um processo de carnavalização da arte entendida principalmente como dessacralização da produção artística local. Nesse sentido, podemos levar em consideração o uso de materiais rústicos, o fato de se expor fora dos salões, expor nas praças públicas e em evento de massas como o fazem os acadêmicos e assim o artista vira povo como argumentou Antonio Padinha, amigo de Salles Dounner. No entanto, toda essa aglutinação de forças seria tão reprimida a ponto de a força de criação que lutava para adentrar pelas margens se conter nos anos 70 e os “movimentos que reivindicavam ‘a imaginação no poder’ deram lugar ao desbunde político e cultural dos anos 70 como nova forma de subversão dos modelos tradicionais. Salles que veio a se manter trabalhando como sapateiro, vendedor e outras atividades menores, mas acabou encontrando no trabalho de letrista ou letrerista um meio de vida com a possibilidade de produzir sua arte ainda que com muito custo. Provavelmente, por razão deste contexto que Salles veio a se mudar de Franca e a voltar já casado e com dois filhos. As décadas de 1980 e 1990, com a abertura política e redemocratização do país levariam a produzir diversos trabalhos como charges e cartoons além de produzir diversas fachadas em murais, casas de comércio na cidade e outros. Seu maior legado seria produzido poucos anos antes de seu falecimento: o livro *Art-Nula Desenhos*. Deste livro, Salles poderia ter elaborado uma série de trabalhos com o interesse de realmente vendê-lo e lucrar, porém ao longo do livro encontramos figuras que fogem da estética convencional. E opera

com significados que seriam mais claros se conhecemos o pensamento do artista e o contexto ao longo de sua vida. Dialogando com Walter Benjamin podemos entender como Salles fez de seu livro uma narrativa de suas experiências assim como um livro de história que reivindica a voz para os vencidos da História. Ao organizá-los em forma de diagramas, termos extraído de Gilles Deleuze, podemos perceber a forma como Salles foi um *flâneur* que, semelhante a Charles Baudelaire, fazendo das ruas sua fonte de inspiração: os detalhes que se passam despercebidos, porque são na verdade elementos de vidas desamparadas, são captados pelo seu olhar artista. Ao elaborar um diálogo entre as imagens produzidas ao longo do livro Art-Nula e algumas leituras de Suely Rolnik podemos perceber uma ressonância de pensamentos quanto à preocupação dada a importância da vida em tempos que predominam a colonização dos sentidos, a exploração da potência de criação pelo capitalismo e a negação do outro para assegurar uma estabilidade ilusória. Seguindo linhas do plano molar para o molecular e cronogênicas foi possível perceber uma trama que o artista compôs em seu livro mostrando ao leitor o mosaico de uma concepção ética que foi construída ao longo de sua vida. Trabalhando com imagens do corpo, Salles delineou a marginalidade que separa os planos molar e molecular em sua esfera social. Seguindo esta linha encontrando em invisibilidade cidadã o modo como o reconhecimento de uma identidade se apresenta como uma ilusão aos olhos e às experiências do artista. Com os diagramas da subjetividade sentinela-zumbi, Salles evoca uma percepção sobre o modo como o capitalismo mundial integrado vem afetando os sujeitos que se anestesia para não sentir o estranhamento do outro. No entanto, quando o corpo já não tolera mais os limites de uma estabilidade forjada e se encontra em meio ao terror e ao desamparo é que o artista convoca os diagramas do Terror e do Desamparo. Quando retrata as linhas-marcas no corpo, fica evidente a intenção do artista em provocar no espectador o estranhamento. E o estranhamento fica tão presente quanto nos diagramas do devir-outro que mostra o outro que nos é estranho e nos causa desestabilização. No entanto, nos diagramas do corpo vibrátil é que encontramos o meio pelo qual Salles assim como Suely encontra a cura para as marcas-ferida e processa seu reconhecimento da alteridade. Nos diagramas do devir-criança existe ainda uma ressonância com o corpo vibrátil ao se acompanhar a leitura de Suely Rolnik que afirma a relação existente entre a criança e o artista que exploram o espaço onde vivem, ensaiam conexões e desconexões e experimentam devires. Com os cães e cadelas de rua, Salles leva ao intensivo em profundidade

o conceito freudiano de pulsão de vida e de morte traçando ainda mais uma relação com o realismo grotesco estudado por Bakhtin. Esse conceito também é abordado quando Salles constrói seus diagramas de Eros tomando como referência a sexualidade feminina e alguns temas tratados como tabus como, por exemplo, o aborto e a homoafetividade. O diagrama do Anjo Pornográfico, por sua vez, segue uma vertente onírica tateando entre a *femme fatale* e a bacante, sacerdotisa dos mistérios dionisíacos, visto os elementos presentes entorno do Anjo. O último diagrama apontado neste trabalho carrega esta prerrogativa por ser um personagem em que Salles deposita em muito sua ética. O herói trágico apresentado na figura do Cristo de Salles nasceu em conformidade com a importância do sofrimento humano descartado pela História, concentrada nos fatos políticos e militares relevantes em detrimento dos vencidos. Benjamin refletiu sobre o conceito de felicidade ligado ao contexto de salvação presente em sua segunda tese. Compreendendo a importância e o sentido da tragédia, podemos considerar que a luta do herói trágico de Salles vive sob o compasso da pulsão de vida e de morte, dado a presença coadjuvante da cadela prenhe. Sua lida é confrontar-se com a aterrorização da existência e “dizer sim à vida, mesmo em seus problemas mais estranhos e difíceis”, segundo as palavras de Nietzsche “no regozijo sobre sua própria inexauribilidade”. O que podemos concluir é que ao longo do livro que serviu de intrigante travessia, Salles compôs um trabalho de cartografia que engana os olhos de quem reserva uma expectativa de sumo niilismo. Salles não aposta na descrença da vida, mas sim na vida como acontecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BURKE, Peter. A Escola dos Annales – 1929-1989. A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: UNESP. 1992.
- CHARTIER, R. A história cultural: Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da História Ensinada. Campinas: Papyrus, 1995.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 3ed. São Paulo: Loyola, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. Imagem e educação. In: SEMINÁRIO PEDAGOGIA DA IMAGEM NA PEDAGOGIA, 1996, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFF, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário”. In Revista Brasileira de História. São Paulo, Contexto/ANPUH, vol. 15, nº 29, 1995, p.16.

RICOEUR, Paul. O percurso do reconhecimento. Tradução Nicolás Nyimi Campanário. SP: Loyola, 2006.

_____. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

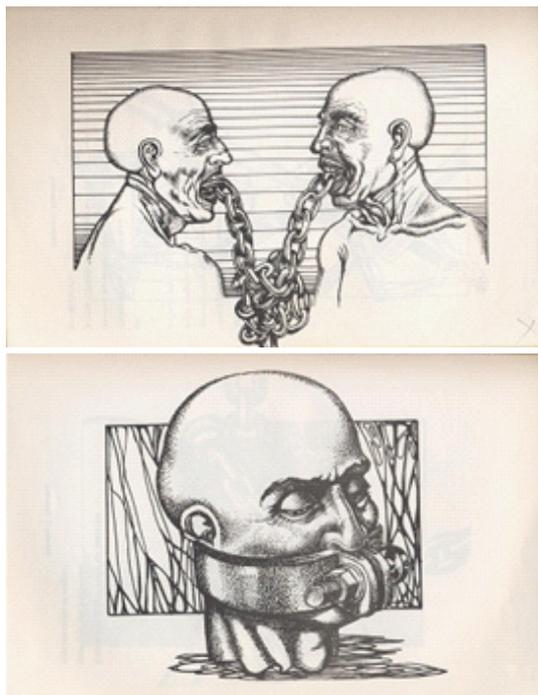
ANEXOS: IMAGENS



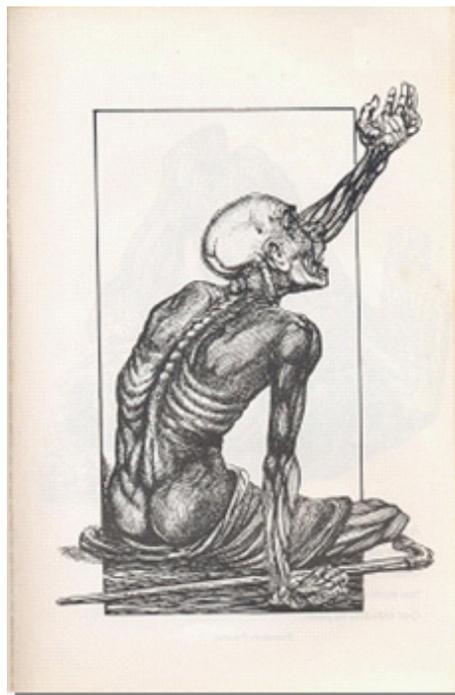
Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama dos planos molar e molecular
Técnica: bico de pena.



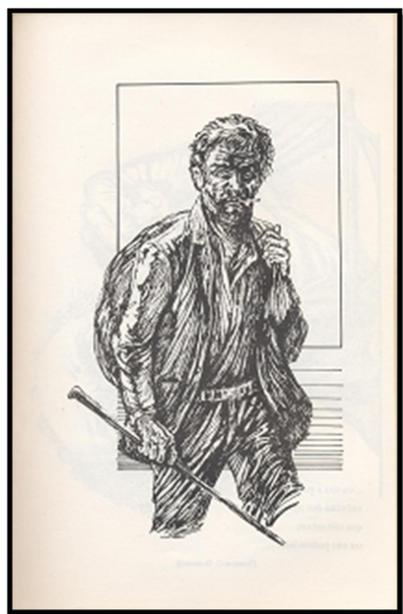
Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama da identidade/invisibilidade cidadã
Técnica: bico de pena.



Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama da moral e da subjetividade sentinela-zumbi
Técnica: bico de pena.



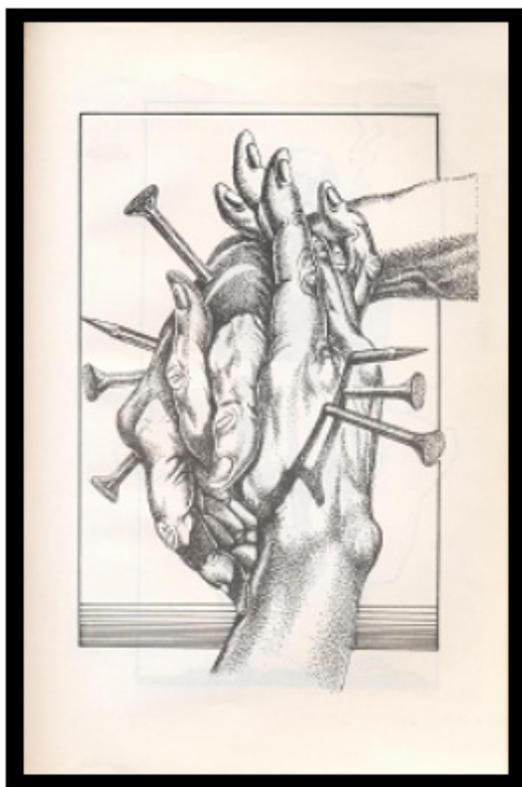
Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama do Terror e do Desamparo
Técnica: bico de pena.



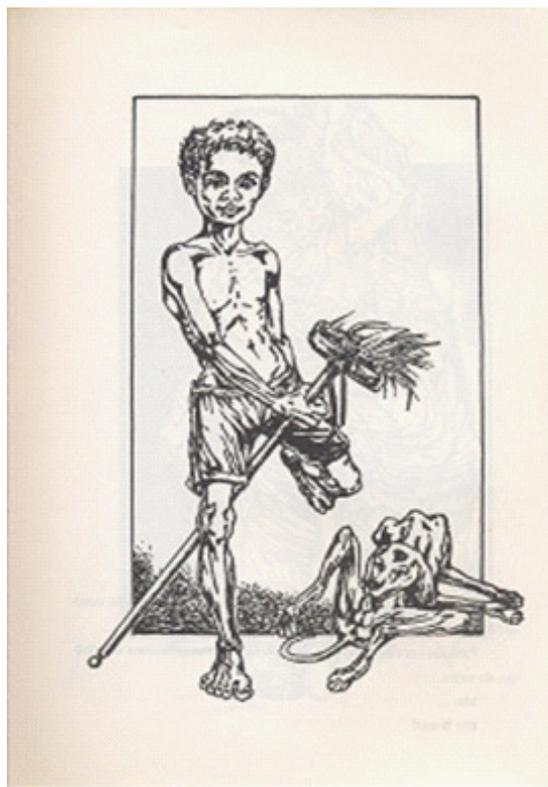
Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama do devir-outro
Técnica: bico de pena.



Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título:
Técnica: bico de pena.



Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama do corpo vibrátil
Técnica: bico de pena.



Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama do devir-criança
Técnica: bico de pena.



Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama da pulsão de vida e de morte
Técnica: bico de pena.



Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama de Eros
Técnica: bico de pena.



Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama do Anjo Pornográfico
Técnica: bico de pena.



Ano: 1992
Autor: Salles Dounner
Título: Diagrama do herói trágico
Técnica: bico de pena.